

SCHWEIK NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Texto de Bertolt Brecht

Música de Hanns Eisler

Fotografia: Rui Mateus | Patrícia Martins



Humor em tempos de guerra

A peça de Brecht inicia-se com Adolf Hitler confessando ser “só um ser humano”, e revelando aos seus sequazes — Göring, Goebbels e Himmler — estar a atravessar uma verdadeira crise existencial: “O que pensará o *homem da rua* acerca de mim?”, questiona-se.

Logo de seguida, após este prólogo ambientado nas “Altas esferas”, aterramos na popular taberna chamada Cálice, em Praga. Anna Kopecka, a proprietária do local, procura como sempre que a discussão política não lhe arruine o negócio. No caso específico, comenta-se a actualidade: Hitler acaba de escapar a um atentado em Munique. Estamos em plena II Grande Guerra, e as tropas da Alemanha nazi marcham já sobre a União Soviética, numa manobra que acabará por reverter o sentido do conflito a favor dos Aliados. A dada altura, um soldado das SS tenta arregimentar voluntários, garantindo-lhes que “a Ucrânia vai ser o celeiro do Terceiro Reich”. Mas também há quem cante (e quem beba, bastante). É neste ambiente etílico que nos surgem os apartes, as piadas e as críticas verrinosas de Schweik, um pacato comerciante de cães. Esta figura pícaro moderna acaba por convencer tudo e todos de que é meio tonta e idiota. De facto, o ‘valente soldado Schweik’ raramente é levado a sério, o que acaba por valer-lhe um atestado de sobrevivência permanente.

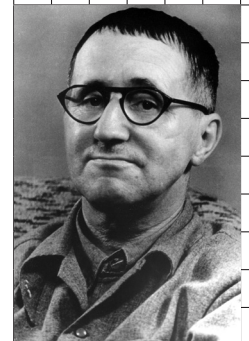
No final do texto, graças a um imbróglio relacionado com o roubo e consequente tráfico de um cão de raça, Schweik acaba por ser preso e mobilizado para a campanha da Rússia, o que equivalia praticamente à morte certa nas estepes geladas, às mãos do famoso ‘General Inverno’. E eis que a meio desta sua jornada aziaga o soldado se cruza com Hitler, a quem explica que já não pode ir nem para a frente, nem para trás: “Em cima estás falido, e em baixo estás impotente”.

Bertolt Brecht e Hanns Eisler, um dos seus compositores dilectos, tentaram estreitar esta peça — que, como em todo o reportório brechtiano, contém um fundo historicamente documentado — nada mais, nada menos, do que na Broadway. Tratava-se de um sonho impossível para a época: ainda era muito cedo para que a figura de Hitler, mesmo em caricatura pouco abonatória, subisse a um palco de Nova Iorque.

Schweik na Segunda Guerra Mundial só teria a sua estreia absoluta em Varsóvia, em 1957, revelando-se um êxito absoluto. No ano seguinte a peça foi apresentada na então República Democrática Alemã, em Erfurt, e em 1959 em Frankfurt — tendo ficado para a História os vinte minutos de aplausos contínuos aquando da sua estreia na então República Federal Alemã.

Bertolt Brecht (1898-1956), dramaturgo, poeta, argumentista e cineasta, teórico e encenador, Bertolt Brecht criou o chamado teatro ‘épico’, definido pela sua função social e política. Em 1933, para fugir ao nazismo, abandona a Alemanha. Nos anos 40, exila-se nos Estados Unidos onde sobrevive como argumentista e escreve uma sucessão de obras-primas, como *Mãe Coragem* ou *O círculo de giz caucasiano*, duas das suas peças mais conhecidas. Nos início dos anos cinquenta instala-se em Berlim na República Democrática Alemã, onde funda com a sua companheira de sempre, a atriz Helene Weigel, o mítico Berliner Ensemble. Bertolt Brecht é, juntamente com Shakespeare, o autor mais representado no reportório da Companhia de Teatro de Almada.

Nuno Carinhas, pintor, cenógrafo, figurinista e encenador, dirigiu o Teatro Nacional São João entre 2009 e 2018. Antigo aluno de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, as suas criações teatrais são marcadas por uma relação plástica com o texto. Encenou obras de Calderón de la Barca, Corneille, Tchekov, Beckett, Gil Vicente, Sófocles, Heiner Müller, Lorca, Brian Friel, Jean Cocteau, Henri Michaux, Pirandello, entre muitos outros. Para a CTA dirigiu em 2020 *Viagem de Inverno*, de Elfriede Jelinek, e em 2022 *O misantropo*, de Molière/Martin Crimp, recentemente nomeado para um Globo de Ouro na categoria de Melhor Espectáculo.



Tradução António Sousa Ribeiro **Cenografia e figurinos** Nuno Carinhas **Luz** Guilherme Frazão **Voz e elocução** Luís Madureira **Interpretação** André Pardal • Carolina Dominguez • Cláudio da Silva • David Pereira Bastos • Diogo Bach • Duarte Grilo • Isac Graça • Ivo Alexandre • Luís Madureira • Maria Frade • Teresa Gafeira **Acordeão** Inês Vaz • Pedro Santos **Trombone** Hugo Pedrosa • João Gomes **Percussão** Rodrigo Azevedo • Tomás Moital **Clarinete** Miguel Costa • Henrique Borges **Piano** Francisco Sassetti • Jeff Cohen **Fotografia** Patrícia Martins • Rui Mateus

Quem é este soldado Schweik?

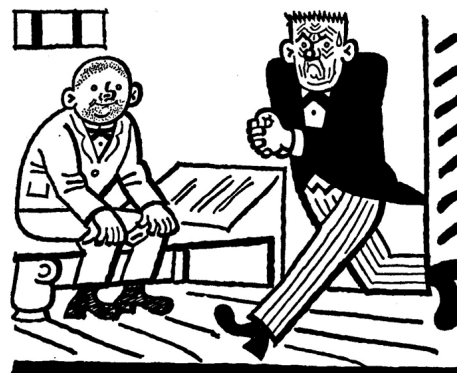
Em Setembro de 1943, Bertolt Brecht escreve o seguinte no seu *Diário de trabalho* sobre o projecto que tem em mãos, a peça *Schweik na Segunda Guerra Mundial*: “Lendo no comboio *Schweik*, sinto-me novamente dominado por este gigantesco panorama de Hašek, pela posição autenticamente não-positiva que o povo nela assume, que é afinal a única coisa positiva, e que por isso não tem de situar-se ‘positivamente’ em relação a coisa nenhuma. Em caso algum Schweik deve tornar-se num sabotador astucioso e traiçoeiro. Ele não é mais do que o oportunista das pequenas oportunidades que lhe restam. Aceita francamente a ordem estabelecida, tão destruidora para ele, na medida em que aceita o princípio da ordem, mesmo aquele que apenas encontra sob a forma de opressão. A sua sagesa arrasa tudo. A sua indestrutibilidade faz dele o objecto inesgotável da opressão e terreno fértil da libertação”.

Na altura em que Brecht escreve este bilhete de identidade do ‘bom soldado’, a personagem tem já vinte anos. Nasceu da pena de Jaroslav Hašek, que inventou este homenzinho inspirado na sua própria errância — ele, que conheceu as trincheiras da I Guerra Mundial, esteve preso num manicómio, combateu com a pluma o Império Austro-Húngaro, desertou e foi coleccionando episódios posteriormente enxertados na sua personagem.

É fácil imaginar que Bertolt Brecht achasse a figura de Schweik assaz tentadora, chegando nos anos trinta a esboçar alguns guiões para filmes nela inspirados — projectos que nunca se concretizaram. Em *Schweik*, Brecht vê o povo, um barro que sempre gostou de moldar à sua teoria do positivismo histórico, na concepção de querer e poder transformar o mundo. Este soldado não é um guerrilheiro, mas sim um homem normal, que vai revelando as suas manhas e sobrevivendo por meio de ‘esquemas’. Desbocado e irreverente, pontua o seu discurso com interlúdios anedóticos, do género ‘Era uma vez...’, que facilmente hipnotizam quem os ouve. E assim vai vivendo, passando entre os pingos da chuva, resistindo até onde for possível.

Na peça que agora levamos à cena, o ADN brechtiano é fruto do respaldo dado pelas canções musicadas por Hans Eisler, que constituem um símbolo de resistência popular, um fundo épico, contrastante com o absurdo de representar Hitler retratado de forma frágil. Numa altura em que a Guerra na Ucrânia se aproxima dos dois anos de duração, e em que em várias latitudes se assiste a uma verdadeira corrida ao armamento, *Schweik na II Guerra Mundial* — escrita no fio da navalha, numa linha de *nonsense* com um travo amargo — pode revelar-se bastante pedagógica. Eis uma linha que Brecht jamais descurava nos seus trabalhos, escritos sempre a pensar num futuro necessariamente imperfeito.

RUI LAGARTINHO



Ilustrações: Josef Lada

20 de Outubro a 19 de Novembro

Quinta a sábado às 21h • Quarta e domingo às 16h

Sala Principal • M/12

6.50€
Preço especial
para grupos

Informações e reservas: Carina Verdasca e Pedro Walter: 96 496 00 05 • publico@ctalmada.pt

Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada • Telf.: 21 273 93 60 • www.ctalmada.pt • geral@ctalmada.pt

As pessoas não têm sentido de organização!

Por exemplo: agora há um plano de racionamento para tudo, até para um raminho de salsa. E isto é que é organização! Pelo que eu tenho ouvido dizer, com o Hitler há uma destas organizações como nunca houve. Na Itália, quando o Mussolini tomou o poder, os comboios começaram logo a chegar à tabela. E assim já foi possível organizar logo sete ou oito atentados contra ele.

EXCERTO DE *SCHWEIK NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL*, TRADUÇÃO DE AUGUSTO BAPTISTA